



Andrade, Oswald de (1890–1954)

Anthropophagy

Anthropophagy is the motto of a cultural movement articulated in the end of the 1920's in Brazil that affirms the urge to ingest the culture of the colonizer and digest it in terms of the local reality. The name 'anthropophagy' designates the ingestion of human flesh within typical ritualistic practices of some Amerindian tribes such as the Tupinambás, who used to live at the Northern region of the land that is nowadays called Brazil; these practices played a meaningful role in the intertribal relations and acquired in some of them, as describes the anthropologist Eduardo Viveiros de Castro, the sense of a true incorporation of the world-view of the ingested enemy (Viveiros de Castro, 2002, pp. 229–254). These ritualistic practices serve as inspiration for a cultural movement idealized by the Brazilian writer **Oswald de Andrade** (1890–1954) and whose starting point is the foundation of the *Revista de Antropofagia* in 1928. The movement contains two major phases: (i) the inaugural phase, whose duration corresponds to period of activities of the *Revista* (from May 1928 to August 1929),

Antropofagia é o lema de um movimento cultural articulado no fim dos anos 1920 no Brasil que afirma a urgência de ingerir a cultura do colonizador e digeri-la nos termos da realidade local. O nome 'antropofagia' designa a ingestão de carne humana no interior de práticas ritualísticas típicas de algumas tribos ameríndias como os Tupinambás que habitavam o norte da região que hoje se chama Brasil; tais práticas desempenham um papel significativo nas relações intertribais e adquirem em algumas delas, como descreve o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, o sentido de uma verdadeira incorporação da visão de mundo do inimigo ingerido (Viveiros de Castro, 2002, pp. 229–254). Tais práticas ritualísticas servem de inspiração para um movimento cultural, idealizado pelo escritor brasileiro **Oswald de Andrade** (1890–1954), que tem por marco inaugural a fundação da *Revista de Antropofagia* em 1928. O movimento subdivide-se em duas fases: (i) uma fase inicial *ligada às discussões estético-políticas do modernismo brasileiro* cuja duração corresponde ao período de atividades da

is linked to the esthetical and political discussions of the Brazilian modernist movement and has as its landmark the publication of the *Anthropophagist Manifesto* (*Revista* I:1, pp. 3 e 7); and (ii) the mature phase, which begins with Andrade's return to the theme of Anthropophagy in 1946 lasting until the end of his life in 1954, and which is characterized by an *intense dialogue with the history of philosophy* and has as its landmark the publication in 1950 of the text: *The Crisis of Messianic Philosophy*.

First Phase: Oswald de Andrade's *Anthropophagist Manifesto* and the Brazilian Modernism

The *Anthropophagist Manifesto*, in which Oswald de Andrade presents the conceptual foundations of the movement, is published in May 1928 in the inaugural number of the *Revista de Antropofagia*. It is important to remark that the anthropophagical practice, or cannibalism, served, since the beginning of the colonization, as a principle of distinction between barbarianism and civilization, and that it was often employed as justification for the colonial practice that presented itself as aiming at "saving the barbarians from themselves." By turning Anthropophagy into the motto of a Manifesto, Oswald de Andrade operates an inversion by which he affirms as the leitmotiv of a cultural movement precisely that which operated as the principle of exclusion of a whole set of people from the domain of culture. This procedure of inversion, as noted the Brazilian philosopher Benedito Nunes, indicates that Anthropophagy is not simply a *metaphor*, but it functions equally both as a *diagnostic* by

Revista (de maio de 1928 a agosto de 1929), tendo por marco a publicação do texto que lança as bases conceituais do movimento: o *Manifesto Antropófago* (*Revista* I:1, pp. 3 e 7); e (ii) uma fase de intenso *diálogo com a história da filosofia*, a qual se inicia com o retorno de Oswald de Andrade à Antropofagia em 1946 durando até o fim de sua vida em 1954, e que tem por marco o contraste entre Messianismo e Antropofagia introduzido pelo texto de 1950: *A Crise da Filosofia Messiânica*.

Primeira Fase: O *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade e o modernismo brasileiro

O *Manifesto Antropófago*, no qual Oswald de Andrade apresenta os fundamentos conceituais do movimento, é publicado em maio de 1928 no número de inauguração da *Revista de Antropofagia*. É importante notar que a prática antropofágica, ou canibalismo, serviu, desde os primórdios da colonização, como princípio de distinção entre barbárie e civilização, e que ela foi muitas vezes empregada como justificação para a prática colonizadora a qual se apresentava como um procedimento de aculturação visando a "salvar os bárbaros de si mesmos." Ao fazer da antropofagia o mote de um *Manifesto*, Oswald de Andrade opera uma inversão pela qual ele afirma como bandeira de um movimento cultural justamente aquilo que funcionou como princípio de exclusão de todo um conjunto de povos do domínio da cultura. Esse procedimento de inversão, como observou o filósofo brasileiro Benedito Nunes, indica que a Antropofagia não é simplesmente uma *metáfora*, mas funciona

which the trauma of the colonial violence is grasped and as a *therapeutic* which, by affirming as a positive value that which was systematically treated as inferior, renders possible the progressive confrontation with the problem (Nunes, 1978, pp. xxv–xxvi). This inversion rendering possible the manifestation of a problem is associated, as indicated by the title of the Manifesto, to an operation of the deglutition by which the standpoint to be ingested (the cultural references of the colonizer) is transposed within the referential system of the one operating the deglutition (within the cultural references of the colonized); as Beatriz Azevedo remarks, such an operation is revealed within the very procedure of construction of the Manifesto, which is built through a true deglutition of some renowned Manifestos of the Western culture, particularly: (i) the *Manifesto of the Communist Party*, with which Andrade’s text dialogues since its first aphorism where he states “Only Anthropophagy unites us” (Azevedo, 2016, pp. 104–107); and (ii) the *Surrealist Manifesto* in dialogue with which the political significance of the suspension of the laws of logic for the sake of the manifestation of a supra-real and magical realism is reevaluated in the context of the ex-colony (Azevedo, 2016, pp. 68–75).

The association between deglutition and inversion is paradigmatically manifested in the way in which Oswald de Andrade situates his Manifesto within the space-temporal coordinates; thus, the text, published in São Paulo in 1928, is identified by the author as done “in Piratininga”, in the “year 374 of the Deglutition of the Bishop of Sardinha.” The replacement of São Paulo by

igualmente tanto como um *diagnóstico* pelo qual se constata o trauma da violência colonial quanto como uma *terapêutica* que, ao afirmar como valor positivo aquilo que foi sistematicamente tratado como inferior, possibilita o enfrentamento progressivo do problema (Nunes, 1978, pp. xxv–xxvi). Esta inversão possibilitando a manifestação de um problema está associada, como o nome do manifesto o indica, a uma operação de deglutição pela qual se transpõe o ponto de vista do deglutido dominante para o interior do sistema referencial do deglutidor dominado; como nota Beatriz Azevedo tal operação se revela no próprio procedimento de construção do Manifesto que se forma por uma verdadeira deglutição de Manifestos célebres da cultura ocidental, em particular o Manifesto do Partido Comunista, com o qual o primeiro aforismo já inicia o diálogo pela afirmação de que “Só a Antropofagia nos une” (Azevedo, 2016, pp. 104–107); e o Manifesto Surrealista em diálogo com o qual se reavalia no contexto da ex-colônia o significado político da suspensão dos ditames da lógica em nome da manifestação de um realismo supra-real e mágico (Azevedo, 2016, pp. 68–75).

A associação entre deglutição e inversão se manifesta de modo paradigmático no modo como Oswald de Andrade posiciona o seu manifesto no interior das coordenadas espaço-temporais; assim, o texto, publicado em São Paulo em 1928, é identificado pelo autor como feito “em Piratininga” no “ano 374 da Deglutição do Bispo de Sardinha”. A substituição de “São Paulo” por “Piratininga” traz para o primeiro plano o fato de que a cidade, fundada pelo padre jesuíta espanhol José de Anchieta, recebeu o seu nome a

Piratininga brings to the forefront the fact that the city, grounded by the Jesuit Spanish father José de Anchieta, received its name from a determined cultural framework which was transposed to the region of the plateau whose Indian name in the Tupi language was “Piratininga” (Pira = fish; Tininga = dry) – since, in virtue of the constant inundations of the river that crosses the region, many fishes used to beach in the plateau thereby offering food to its inhabitants (Kehl, 2005). The replacement of “1928” (after Christ) by “374” (after the deglutition of the Bishop of Sardinha) indicates that even the framework for counting time is based on the cultural paradigm brought by the colonizer; moreover, it identifies as an alternative landmark both for counting time and for writing the local history, since it stipulates as the initial landmark of the history of the new nation the deglutition of the Bishop Pero Fernandes Sardinha by the Indians Caetés – which took according to Andrade’s counts in 1554, but actually in 1556 (Vasconcellos, 1663, t. II, p. 186). The procedure renders thus evident the fact that the language and the space-temporal framework employed in the Americas was defined based on a specific cultural paradigm, and through the inversion of the referential system, Andrade indicates an alternative description of that same space-temporal point when the I is the Other.

This first phase of Anthropophagy, strongly associated to the Brazilian modernist movement, is unfolded in many other meaningful esthetic productions, among which the following can be highlighted: Tarsila do Amaral’s painting *Abaporu* based on which the very idea of creating the anthropophagical movement was

partir de um determinado referencial cultural para ser então instalada na região do planalto que os índios habitantes da região chamavam, na língua tupi, de Piratininga (Pira = peixe; Tininga = seco) – pois, em função das constantes cheias do rio que entrecorta a região, diversos peixes ficavam encalhados no planalto oferecendo alimento para os seus habitantes (Kehl, 2005). A substituição de 1928 (depois de Cristo) por 374 (depois da deglutição do Bispo de Sardinha) indica igualmente que o tempo é contado a partir um referencial cultural trazido pelo colonizador, ao mesmo tempo que identifica um marco alternativo não só para a contagem do tempo como para a escrita da história local, em função da identificação da deglutição do bispo Pero Fernandes Sardinha pelos índios caetés ocorrido pelas contas de Oswald de Andrade em 1554 – mas em verdade em 1556 (Vasconcellos, 1663, t. II, p. 186) – como marco histórico inicial da nova nação. O procedimento torna manifesto diante de nossos olhos o fato de que a linguagem e o referencial espaço-temporal utilizado nas Américas foi definido a partir de um paradigma cultural específico e, ao operar a inversão do sistema referencial, Oswald de Andrade indica uma descrição alternativa daquele mesmo ponto quando o Eu é o Outro.

Esta primeira fase da Antropofagia, fortemente associada ao movimento modernista brasileiro, se desdobra em outras produções estéticas significativas, dentre as quais se destacam as seguintes: o quadro *Abaporu* de Tarsila do Amaral a partir do qual a própria ideia do movimento antropofágico foi concebida (Amaral, 2003,

<p>conceived (Amaral, 2003, p. 279); Mario de Andrade's roman <i>Macunaíma</i>, considered by Oswald de Andrade as "a purely anthropophagical book" (<i>Revista</i>, 1:5, p. 3); and Raul Bopp's poem "Cobra Norato" which should be included in the first volume of the "little anthropophagical library", which was never published (Bopp, 2006, p. 71). The movement is interrupted by the economical crisis of 1929 and by the subsequent radicalization of political positions, and it was only to be resumed in 1946 with the publication of the text <i>A Arcádia e a Inconfidência</i> (<i>The Arcadia and the Conspiracy</i>) by Oswald de Andrade, who had recently cut relations with the communist party in virtue of his disappointment with its sectarian positions (Fonseca, 2007, pp. 298–299).</p>	<p>p. 279); o romance <i>Macunaíma</i> de Mário de Andrade, considerado por Oswald de Andrade "um livro puramente antropofágico" (<i>Revista</i> 1:5, p. 3) e o poema "Cobra Norato" de Raul Bopp que deveria ser incluído no primeiro volume da "bibliotequinha antropofágica", a qual nunca chegou a ser publicada (Bopp, 2006, p. 71). O movimento é interrompido pela crise econômica de 1929 e pelo período subsequente de radicalização de posições políticas, para ser retomado apenas em 1946 com a publicação do texto <i>A Arcádia e a Inconfidência</i> pelo próprio Oswald de Andrade, o qual tinha recentemente cortado relações com o partido comunista, com cujas posições sectárias ele houvera se decepcionado (Fonseca, 2007, pp. 298–299).</p>
<p>Second phase: Anthropophagy x Messianism</p>	<p>Segunda Fase: Antropofagia x Messianismo</p>
<p>The second phase of Anthropophagy has as a landmark the publication of the <i>Crisis of Messianic Philosophy</i> (1950), in which Andrade presents a sketch of a philosophy of history based on the opposition between Messianism, the culture of the hemisphere of patriarchy, and Anthropophagy, the culture of the hemisphere of matriarchy. Anthropophagy is now presented "as a <i>Weltanschauung</i>" and as linked to "the metaphysical operation of transforming the taboo into totem", i.e. operating the transition "from the opposite value to the favorable one" (Andrade, 1978, p. 77). The philosophical contours of the concept, already to be found in the <i>Manifesto</i>, are here refined within a more systematic approach, and the procedure of therapeutic inversion,</p>	<p>A segunda fase da Antropofagia tem por marco a publicação da <i>Crise da Filosofia Messiânica</i> (1950), na qual Oswald de Andrade apresenta um esboço de uma filosofia da história baseada na oposição entre Messianismo, a cultura do hemisfério do patriarcado, e Antropofagia, a cultura do hemisfério do matriarcado. A Antropofagia é agora apresentada "como <i>Weltanschauung</i>" e como ligada à "operação metafísica da transformação do tabu em totem", i.e. operar a transição "do valor oposto ao valor favorável" (Andrade, 1978, p. 77). Os contornos filosóficos do conceito, os quais já podem ser encontrados no <i>Manifesto</i>, são aqui refinados graças a uma abordagem mais sistemática, e o procedimento de inversão terapêutica, antes aplicado a uma reavaliação</p>

previously applied to a reevaluation of the present, is now employed as a dispositive of reevaluation of history, particularly of the history of philosophy. Oswald de Andrade offers a panoramic reconstruction of the history of philosophy, since Ancient Greece until the French Existentialism, by exploring the relations between structures of social organization, political institutions and world-views expressed within philosophical systems: according to this theoretical frame, the institutions of the Western world – patriarchal family, transmission of patrimony and State as a fatherland – favor the consolidation of world-views that grasp the real as an unfolding process having as its horizon the final reconciliation with the divine father (messianic culture); on the hand, the Amerindian institutions – tribe as the most basic social unity, absence of private property and absence of State – favor the consolidation of world-views that grasp reality as fluid non-static relations (anthropophagical culture); Andrade suggests that the dialectic relation between those two cultures offers the key both to a reevaluation of the history of philosophy and to a new conception of history (Andrade, 1978, pp. 80–84).

Bibliographic sources of the movement

Raul Bopp, one of the most influential names of first phase of the movement, identifies the following bibliographic sources of the anthropophagical movement: “[André] Thevet, with six hundred notes of ethnographic interest; Jean de Léry, who came to Brazil with Villegaignon; Hans Staden; Henry Koster; Karl von Steiner

cultural do presente, é agora empregado como dispositivo de reavaliação da história, e em especial da história da filosofia. Oswald de Andrade oferece uma reconstrução panorâmica da história da filosofia, desde a Grécia Antiga até o Existencialismo francês, a partir de um paradigma que explora as relações entre organização social, instituições políticas e visões de mundo expressas em sistemas filosóficos; de acordo com tal paradigma teórico, as instituições do Ocidente – família patriarcal, transmissão de patrimônio, Estado como pátria – favorecem a consolidação de visões de mundo que apreendem o real como um desdobramento que tem por horizonte a reconciliação final com o pai divino (cultura messiânica); as instituições ameríndias – tribo como unidade social básica, ausência de propriedade privada, ausência de Estado – favorecem a consolidação de visões de mundo que apreendem o real como relações fluidas não-estanques (cultura antropofágica); Oswald de Andrade sugere que a relação dialética entre essas duas culturas oferece uma chave de interpretação tanto para uma reavaliação da história da filosofia e quanto para uma nova concepção de história (Andrade, 1978, pp. 80–84).

Fontes bibliográficas do movimento

Raul Bopp, um dos nomes mais influentes da primeira fase do movimento, identifica as seguintes fontes bibliográficas do movimento antropofágico: “[André] Thevet, com seiscentas notas de interesse etnográfico; Jean de Léry, que veio ao Brasil com Villegaignon; Hans Staden; Henry Koster; Karl von Steiner (estudo das tribos do

(study of the Xingu tribes); Claude d'Abbeville; Yves d'Évreux; [Nicolas-Antoine] Taunay; [Auguste de] Saint-Hilaire; Koch Grünberg; [Alexander von] Humboldt; Capistrano de Abreu; glossary of indigenous languages of [Carl Philipp Friedrich von] Martius” and yet “the great [Michel de] Montaigne (Les Essais, De Canibalis) and Jean-Jacques Rousseau” (Bopp, 2006, pp. 65–66). To these names, it is important to add as fundamental sources for Andrade's *Manifesto*: Karl Marx, Sigmund Freud, André Breton and Hermann von Keyserling (Azevedo, 2016). As essential sources for the second phase of the movement, where a more intense dialogue with the history of philosophy is to be found, the following authors are added to the list: Hegel, particularly Alexandre Kojève's reception of his works which is repeatedly quoted in the *Crisis of Messianic Philosophy* (Andrade, 1978, pp. 80; 97; 117), and authors who offer conceptual tools to question idealism and to reevaluate the history of ideas in non-exclusively rationalist terms such as Søren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche and the Existentialism of Jean-Paul Sartre, towards which Andrade “is enthusiastic” (Fonseca, 2007, p. 299). Another source of remarkable presence in the *Crisis* is theory of matriarchy formulated by Johann Jakob Bachofen (Carli, 2016).

Reception

The movement has a rich history of reception. Some important authors have criticized it for promoting a dilution of the social conflicts in benefit of the idealization of a sociocultural mixture based on an

Xingu); Claude d'Abbeville; Yves d'Évreux; [Nicolas-Antoine] Taunay; [Auguste de] Saint-Hilaire; Koch Grünberg; [Alexander von] Humboldt; Capistrano de Abreu; glossário de línguas indígenas de [Carl Philipp Friedrich von] Martius” e ainda “o grande [Michel de] Montaigne (Les Essais, De Canibalis) e Jean-Jacques Rousseau” (Bopp, 2006, pp. 65–66). A esses nomes, acrescentam-se ainda como fontes importantes da composição do *Manifesto* de Oswald de Andrade: Karl Marx, Sigmund Freud, André Breton e Hermann von Keyserling (Azevedo, 2016). Como fontes essenciais da segunda fase, marcada por um diálogo mais intenso com a história da filosofia, somam-se ainda: Hegel, em particular a recepção das obras hegelianas feita por Alexandre Kojève, o qual é repetidas vezes citado na *Crise da Filosofia Messiânica* (Andrade, 1978, pp. 80; 97; 117), além de autores que fornecem ferramentas para uma problematização do idealismo e para uma reavaliação da história das ideias em termos não exclusivamente racionalistas, como Søren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche e o existencialismo de Jean-Paul Sartre pelo qual Oswald de Andrade “se entusiasma” (Fonseca, 2007, p. 299); outra fonte de presença notável na *Crise* é a teoria do matriarcado de Johann Jakob Bachofen (Carli, 2016).

Recepção

O movimento tem um histórico rico de recepção. Alguns autores importantes o criticaram, seja por promover a diluição dos conflitos sociais em prol de uma mistura oriunda de uma devoração acrítica em que

acritical deglutition within which all values are positive (Schwarz, 1987; Mello e Souza, 2009), or yet, for implementing a kind of cultural fetish based on a romantic ethnography (Jauregui, 2012). A particularly meaningful criticism concerns the problem of the factual restriction of those who actually play the role of swallows, since, if the deglutition is practiced without the inversion of the pair oppressor-oppressed, it tends to become an assimilationism of the oppressed by the oppressor, tending to eliminate from the existential horizon of the devoured ones all the aspects which do not fit in the referential system of the devourer; Anthropophagy therefore could only work if it is realized from to the bottom to the top, which means, in the case of Brazil, to be realized not only from the perspective of the indigenous people, but also from the perspective of the afro-descendants (Paixão, 2015). In other words, Anthropophagy tends to degenerate itself into an acritical assimilationism if the practice of deglutition is not associated to the procedure of inversion of perspectives put into practice within the *Manifesto*.

Anthropophagy as this critical procedure of inversion has had a remarkable cultural impact in Brazil. Indeed, it has become an obligatory referential point of almost every big Brazilian cultural movement, among which it stands out: José Celso Martinez Corrêa's Teatro Oficina whose performance-manifesto is based on Andrade's text *O Rei da Vela* (Corrêa, 1998); the internationally known movement of Tropicalism, whose direct relation to Anthropophagy is reported in detail by Caetano Veloso in his book *Verdade Tropical* (2012); and the

todos os valores são tomados como positivos (Schwarz, 1987; Mello e Souza, 2009), ou ainda, por implementar uma espécie de fetiche cultural oriundo de uma etnografia romântica (Jauregui, 2005). Uma crítica particularmente contundente diz respeito ao problema da identificação daqueles que desempenham os papéis de devorador e de devorado, pois se a deglutição é praticada sem a inversão do par dominante-dominado, ela se torna um assimilacionismo do oprimido pelo opressor, tendendo a eliminar todos os aspectos do horizonte existencial dos devorados que não se enquadram no sistema referencial do devorador; a Antropofagia, assim, só poderia funcionar se realizada de fato de baixo para cima, o que no caso do Brasil significa realizá-la não apenas a partir da perspectiva dos povos indígenas, como também da perspectiva dos afrodescendentes (Paixão, 2015). Em outras palavras, a Antropofagia tende a se degenerar em um assimilacionismo acrítico, se a prática da deglutição não é associada ao procedimento de inversão de perspectivas dos sistemas referenciais posto em prática no *Manifesto*.

A importância desse procedimento de inversão fez com que Antropofagia tivesse um impacto cultural e filosófico notável. De um ponto de vista cultural, ela se tornou um referencial obrigatório de praticamente todo grande movimento cultural brasileiro dentre os quais destacam-se: o Teatro Oficina de José Celso Martinez Corrêa que tem por espetáculo-manifesto a peça *O Rei da Vela* de Oswald de Andrade (Corrêa, 1998); o Tropicalismo, cuja relação direta com a Antropofagia é relatada em detalhes por Caetano Veloso em seu livro *Verdade*

cinematographic Brazilian movement of the 1960's and 1970's *Cinema Novo*, whose third phase, known as cannibal-tropicalist, dialogues with the main themes of the anthropophagical tradition – in films such as Joaquim Pedro de Andrade's *Macunaíma* (1969); Arnaldo Jabor's *Pindorama* (1970); the adaption of Hans Staden's story in Nelson Pereira dos Santos's *Como era gostoso o meu francês* (1971), among others. Such a constant cultural presence is a sign of the fact that Anthropophagy, as the writer Augusto de Campos remarks, is “the most radical of our [i. e. Brazilian] literary movements” (Campos, 2015, p. 154).

But Anthropophagy cannot be reduced to this cultural dimension. In the words of Augusto de Campos himself, it is “the only original Brazilian philosophy” whose “great sin” is to have been written “in Portuguese”, since if it had been “written in English, in French or even in Spanish” it would already have been “enthroned in the constellation of original and unorthodox thinkers' ideas” (Campos, 2015, pp. 153–154). The anthropologist Eduardo Viveiros de Castro adds yet that, despite being “a genuinely Brazilian concept,” Anthropophagy “aims nevertheless at a supra-national anthropological and metaphysical (or counter-metaphysical) truth” (Viveiros de Castro, 2016, p. 13), and it can even be characterized as a decolonial dispositive *avant la lettre* (ibid., p. 14). Such a dispositive – or as Andrade says himself, such a “metaphysical operation” – offers the conceptual schema within which Eduardo Viveiros de Castro's recent book *Cannibal Metaphysics* is constructed; indeed, the author operates an inversion that brings to

Tropical (2012); e o movimento cinematográfico brasileiro Cinema Novo, cuja terceira fase, conhecida como canibal-tropicalista, dialoga com os principais temas da tradição antropofágica – em filmes como *Macunaíma* de Joaquim Pedro de Andrade (1969); *Pindorama* de Arnaldo Jabor (1970); a releitura da história de Hans Staden por Nelson Pereira dos Santos em *Como era gostoso o meu francês* (1971), dentre outros). Tal presença cultural constante faz com que a Antropofagia seja, como nota Augusto de Campos, “o mais radical dos nossos movimentos literários” (Campos, 2015, p. 154).

Mas a Antropofagia não se reduz à dimensão cultural. Nas palavras do próprio Augusto de Campos, trata-se da única “filosofia original brasileira” cujo “grande pecado” é ter sido escrita “em português”, pois tivesse sido “escrita em inglês, em francês, quem sabe até mesmo em espanhol” já teria “sido entronizada na constelação de ideias de pensadores [...] originais e inortodoxos” (Campos, 2015, pp. 153–154); o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro acrescenta ainda, que a Antropofagia, mesmo sendo um “conceito genuinamente brasileiro”, “visa entretanto uma verdade antropológica e metafísica (ou contra-metafísica) supranacional” (Viveiros de Castro, 2016, p. 13), podendo inclusive ser caracterizada como dispositivo decolonial *avant la lettre* (Viveiros de Castro, 2009). Tal dispositivo, ou como dizia o próprio Oswald de Andrade tal “operação metafísica”, fornece o esquema conceitual do livro recente de Eduardo Viveiros de Castro *Metafísicas Canibais*; com efeito, o autor opera uma inversão que traz ao primeiro

<p>foreground the referential systems oppressed by the colonial trauma, thereby rendering possible the reevaluation of the colonial process and its remaining operative structures from the perspective of the conceptual framework (or, in his words, of the cosmology) of the oppressed. Anthropophagy offers thus the key based on which the relation between Amerindian and Western cosmologies can be reassessed (Viveiros de Castro, 2009).</p> <p>This decolonial or counter-colonial usage of Anthropophagy was emphasized by many other consecrated names of the Brazilian intellectual community – such as Silviano Santiago (1978), Haroldo de Campos (1962) and Benedito Nunes (1978) – as well as by some more recent authors – such as Giuseppe Cocco (2009), Maria Cândida Ferreira de Almeida (2005) and Luis Felipe Garcia (2020). The Cuban poet Roberto Retamar called moreover the attention to the proximity between the conceptual field of Anthropophagy and the Shakespearian figure of Caliban (an anagram of cannibal – more precisely, of ‘canibal’), which, since its famous decolonial reinterpretation in the Aimé Césaire’s play (<i>Une Tempête</i>, 1969), as a constant motto within latin-american decolonial thought (Retamar, 2005). Despite all this cultural and philosophical fertility, the concept of Anthropophagy remains yet a treasure in a crude state and its exploration in an intercultural world may still engender various fruits.</p>	<p>plano sistemas referenciais oprimidos pelo trauma colonial, proporcionando assim a ressignificação dos desdobramentos do acontecimento colonial e de suas estruturas ainda operantes a partir do paradigma conceitual (ou, nas palavras do autor, da cosmologia) daquele que foi oprimido. A Antropofagia oferece assim a chave a partir da qual a relação entre as cosmologias ameríndias e ocidentais pode ser retrabalhada (Viveiros de Castro, 2009).</p> <p>Este uso decolonial ou contra-colonial da Antropofagia foi ressaltado tanto por autores consagrados na comunidade intelectual brasileira – como Silviano Santiago (1978), Haroldo de Campos (1962), Benedito Nunes (1978) – quanto por autores mais recentes – como Giuseppe Cocco (2009), Maria Cândida Ferreira de Almeida (2005), e Luis Felipe Garcia (2020). O poeta cubano Roberto Retamar chamou atenção ainda para a proximidade entre o topos conceitual da Antropofagia e a figura shakespeariana de Caliban (um anagrama de ‘canibal’), a qual, desde a sua célebre reinterpretação decolonial na peça de Aimé Césaire (<i>Une Tempête</i>, 1969), transformou-se em um lema constante do pensamento decolonial latino-americano (Retamar, pp. 2005). Apesar de toda essa fertilidade cultural e filosófica, o conceito de Antropofagia resta ainda um tesouro em estado bruto cuja exploração em um mundo intercultural ainda pode gerar diversos frutos.</p>
--	---

Luis Felipe Garcia
2020

Bibliography:

- Amaral, Aracy. *Tarsila – sua Obra e seu Tempo*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- Andrade, Oswald de. *Obras Completas, vol. VI – do Pau-Brasil à Antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- Azevedo, Beatriz. *Antropofagia – palimpsesto selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.
- Bopp, Raul. *Vida e morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- Campos, Augusto de. *Poesia, antipoesia, antropofagia & cia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- Campos, Haroldo de. “A razão antropofágica – a Europa sob o signo da devoração.” In *Colóquio/Letras* 62 (1962): 10–25.
- Carli, Felipe Augusto Vicari de. *O matriarcado no programa antropofágico. Oswald de Andrade leitor de Bachofen*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016 (thesis).
- Césaire, Aimé. *Une tempête*. Paris: Seuil, 1969.
- Cocco, Giuseppe. *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. São Paulo: Record, 2009.
- Corrêa, Zé Celso Martinez. *Primeiro Ato. Cadernos, depoimentos, entrevistas (1958–1974)*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- Ferreira de Almeida, Maria Cândida. “Só a Antropofagia nos une.” In *Cultura, Política y Sociedad. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- Fonseca, Maria Augusta. *Oswald de Andrade – biografia*. São Paulo: Globo, 2007.
- Garcia, Luis Felipe. “Only Anthropophagy unites us – Oswald de Andrade’s decolonial project.” In *Cultural Studies* 34:1 (2020): 122–142.
- Jauregui, Carlos. “Antropofagia.” In *Dictionary of Latin American Studies / Dictionary of Latin American Cultural Studies*, ed. by Robert McKee Irwin and Mónica Szurmuk. Gainesville: The University Press of Florida (2012): 22–28.
- Kehl, Luis Augusto Bicalho. *Simbolismo e profecia na fundação de São Paulo. A casa de Piratininga*. São Paulo: Terceiro nome, 2005.
- Mello e Souza, Gilda de. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- Nunes, Benedito. “A Antropofagia ao alcance de todos.” In *Obras Completas, vol. IV*, de Oswald de Andrade, xi–liii. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- Paixão, Marcelo. “Antropofagia e Racismo. Uma crítica ao modelo brasileiro de relações raciais.” In *Elemento Suspeito: Abordagem Policial e Discriminação na Cidade do Rio de Janeiro*, ed. by Sílvia Ramos and Leonarda Musumeci, 283–322. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Retamar, Roberto. *Todo Caliban*. Bogotá: ILSA, 2005.

Revista de Antropofagia – Revistas do Modernismo (1922–1929). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.

Santiago, Silviano. *Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Schwarz, Roberto. “A carroça, o bonde e o poeta modernista.” In *Que horas são?*, 11–28. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Vasconcellos, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesu de Estado do Brasil*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1663.

Veloso, Caetano. *Antropofagia*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Viveiros de Castro, Eduardo. “Que temos nós com isso?.” In *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem* de Beatriz Azevedo, 10–19. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

Viveiros de Castro, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Viveiros de Castro, Eduardo. *Métaphysiques cannibales – lignes d’anthropologie post-structurale*. Paris: PUF, 2009.

Author Citation Information

<Garcia, Luis Felipe, "Oswald de Andrade / Anthropophagy," *ODIP: The Online Dictionary of Intercultural Philosophy* (2020), Thorsten Botz-Bornstein (ed.), URL = <www.Odiphilosophy.com/Anthropophagy >.